

Região Sudeste. Hegemonia na Mídia Televisiva

Nícia D'Avila*

Índice

1	Hegemonia e responsabilidades	2
2	Agressividade e violência	3
3	A manipulação persuasiva das mensagens televisivas. Um <i>estilo</i> na comunicação	3
4	Expectativas e conscientização	18

*Professora dos Programas de Pós-graduação em: Comunicação Midiática, da disciplina: "Semiótica do texto verbal, do som e da imagem", na Unesp-Bauru; e em Comunicação, das disciplinas: "Semiótica da Imagem e Discurso Publicitário", e "Linguagem Visual. Informação e Comunicação", na Unimarília.

Resumo

Centralizando nossa atenção na mídia televisiva da Região Sudeste, especificamente no eixo Rio – São Paulo e irradiações, focalizamos sua hegemonia no que tange à proposta de modelos e de padrões de procedimento embasados em realizações de alta tecnologia que, se por um lado espelham o *know-how* das mega-produções - na implantação e divulgação de novos métodos e técnicas -, por outro, temendo a queda na preferência, refletem introyeções de valores que alteram o modo de agir e de ser do público receptor.

Palavras-chave: violência; criança; mídia televisiva; cultura.

1 Hegemonia e responsabilidades

Na eterna disputa para manter o privilégio da audiência e garantir a pontuação no IBOPE, a citada mídia televisiva vale-se de todos os meios e estratégias para desarticular concorrências nos fluxos da sobrevivência e da permanência no aceite da opinião pública. Sendo visitada em grande escala pelo público infantil e infanto-juvenil, ela responde, na atualidade, pelas grandes preocupações dos sistemas social, educacional e familiar.

Os nossos jovens, tendo o seu procedimento analisado por educadores em sala de aula, devido a atitudes e desajustes sem causa observados no lar e na sociedade, demonstram um comprometimento com a distorção de valores absorvidos dos meios de comunicação - o televisual como líder na preferência – causando-lhes sérias mudanças no comportamento sócio-emocional, ora agressivo, ora inseguro, ora displicente, ora violento.

Este trabalho de pesquisa constitui uma colaboração com os organismos que visam a melhorar a qualidade do produto oferecido pela cultura de massa e a proteger a salutar formação de opinião, para o digno exercício da cidadania.

2 Agressividade e violência

Agressividade é a força que leva o homem a agir na busca de um estado de equilíbrio sempre que o mesmo for interrompido. Somente impulsionado por essa força, o indivíduo poderá adaptar-se às condições de vida em grupo, auto-afirmar-se, realizar-se. O ser humano já demonstra a presença desse incitamento, em seu primeiro contato de sofrimento com o mundo, através do grito. Desprovido desse impulso, seria um indivíduo sem expressão alguma. É a agressividade, de uma certa forma dosada e natural, que observamos nos instintos humanos de sobrevivência, no gregário, na manutenção da espécie, entre outros. O impulso, porém, pode conduzir o ser humano a uma agressividade exagerada, incontrolada e extrema, tornando-o maléfico, pernicioso. Neste caso, sua constatação fará jus à denominação de "estado de violência".

De todos os meios de comunicação, a televisão, com suas programações altamente manipuladoras, tem-se mostrado o mais potente instrumento de persuasão, afetando direta ou indiretamente toda a sociedade consumidora, em virtude de sua facilidade de aquisição. Dos 42,8 milhões de domicílios brasileiros, 94 % têm, pelo menos, um aparelho de televisão, segundo o IBGE. Logo, seria inadmissível ignorar a penetração e toda a sua influência exercida sobre a população, no dia-a-dia.

3 A manipulação persuasiva das mensagens televisivas. Um *estilo* na comunicação

Seduzindo o telespectador a *querer* assistir a programações conduzidas por apresentadores altamente carismáticos, inicialmente, algumas emissoras valem-se de certas estratégias, como a de formar o elenco de abertura de determinados programas com personagens portadores de traços físicos que fogem à normalidade,

trajados de maneira extravagante, cuja finalidade é a de manipular pela curiosidade, desencadeada por uma pseudo dramatização circense projetada no cenário como "fundo de cena".

Essa espécie de programação, ao sondar os anseios populares, com o decorrer do tempo passará também a envolver indivíduos portadores de sérias deformidades corporais convidados para as entrevistas, apresentando e relatando de forma dolorosa, as suas deficiências físicas. Atendendo-os sob esse "fundo de cena" dosado de humor e jocosidade, por vezes satírico e grosseiro, assim se desenvolve a criatividade humana, demonstrando em algumas programações o avesso da produção cultural, a título de entretenimento - ao menos aparente -, revelado nas aberrações e comoções constantes, com o fim de garantir surpresas a cada entrevista e o estouro da pontuação no Ibope.

Quando a monotonia começa a se instaurar nesses tipos de programações, intrincadas questões familiares passam a ser exploradas, uma vez que acreditam já ter dado certo em outras emissoras, sendo entrevistados casais de vida simples, esperançosos nas promessas de resolução dos seus desacertos.

E, dessa forma, o telespectador passa do *querer* assistir ao *dever* de continuar assistindo, num paradoxo mesclado de *culpa*, pela perda do seu precioso tempo, e de *satisfação*, pela solidariedade que se estabelece entre telespectador e entrevistados, uma vez que as referidas programações, garantindo aos últimos a solução dos problemas, fazem-no utilizando certas frases estereotipadas do tipo : "eu só estou aqui para ajudar o povo", "vou até o fim porque o povo precisa saber", "mexeu com o povo... mexeu comigo", etc., embora assentadas num caráter, em grande parte, promocional.

E, em conseqüência, o hábito instaura-se no incauto receptor que, não tendo opção, pois depende sempre de pouco tempo disponível e hora marcada para o lazer, continuará acompanhando programas que fazem apelo a uma violência gratuita, a título de "entretenimento". Troca de socos, tapas, palavrões e pontapés, no ar, inicialmente entre os convidados entrevistados, vão envol-

vendo os contratados para a encenação e contagiando, emocionalmente, o auditório e o telespectador.

Na produção dos espetáculos, por uma ingenuidade, queremos acreditar, não são levados em conta os sentimentos humanos de dor, de vergonha, de humilhação e de insatisfação dos personagens entrevistados para o "show" que garantiu o Ibope. Não nos esqueçamos de que os entrevistados, criaturas necessitadas, são parte desse mesmo "povo", para o qual foram utilizadas frases como : "eu só estou aqui para ajudar. . ."etc.

Após a automação introduzida no receptor, e a alta pontuação, dada pelos índices de avaliação, os programas com esse nível de aceitação passam a ser efetuados não mais em função daquilo que os programadores desejam levar ao ar, mas daquilo que a audiência determina que se faça. O povo quer cada vez mais. É instaurada a histeria popular, em fazer vivenciar o infortúnio do povo para o êxtase do próprio povo. E programadores versáteis, mesmo quando tentam variar introduzindo temas interessantes, diante da menor oscilação de queda na preferência, acabam sentindo-se obrigados a retornar ao esquema anterior, por medo da perda de audiência.

Buscar respaldo nos quadros apelativos à violência (moral, física, ética, entre outras) está transformando a TV numa fábrica de horrores. Onde iremos parar diante dessa invasão direta, nociva, descontrolada e avassaladora, em nossas casas ?

Qual a intenção de programações que apresentam crianças em vestimentas e requebros nada coerentes com a decência, tendo por finalidade colocá-las em concurso ? Concurso de quê ? "Com essa denominação desvia-se o assunto para não se reconhecer a situação em que, objetivamente, certos programas venham a incorrer : na perversão da inocência infantil, na satisfação da lascívia de adultos e até mesmo no estímulo à pedofilia"¹ , favorecendo um dos modos - o mais abominável - de depravação.

O homem é um reflexo do ambiente em que viveu na infân-

¹O Amanhã de Nossos Filhos” – Carta enviada aos membros participantes, em 11/07/1999.

cia e esses tipos negativos de mensagens televisivas emitidos ao público, em geral, são vivenciados por crianças e adolescentes, produzindo em ambos, evidentemente, perdas bem mais consideráveis.

Dar um basta competirá a nós mesmos, seres conscientes e responsáveis. Se nada existe de interessante nesse horário, programemos o “ DELETEDEL ”, para o deleite da nossa família e a educação dos nossos filhos. Outras atividades como uma boa conversa, em família ou com amigos, um passeio ou uma boa leitura, certamente produzirão excelentes resultados, com economia de tempo e de eletricidade. O ‘basta’ estimulará a busca de soluções aos problemas, incentivando o respeito ao telespectador.

As programações que cumprem com os papéis cultural e educativo, moral e ético não representam, infelizmente, um número vultoso. Mas, certamente que as temos; e a elas, a família brasileira imensamente agradece pela competência e alta criatividade.

Ontem a violência provinha das guerras ; hoje ela está ao nosso lado. Freqüenta nossas escolas, nossa casa, nosso dia-a-dia, assim como a imoralidade de certos programas, com os quais somos obrigados a conviver.

E assim, deseducando-se cada vez mais, o pobre telespectador transforma-se em "televiseiro", isto é, aquele que, inconscientemente, passa a absorver a sucata dos assuntos televisivos, cuja contribuição moral, educativa, informativa, ética e lúdica é um acinte à vida em sociedade, às nossas crianças e adolescentes, as maiores vítimas desse processo de deformação.

Em conseqüência das críticas, surge a banalização feita pela mídia, constatada nas expressões formuladas por seus representantes :

– "mude de canal, caso não goste do programa". Amanhã certamente irão dizer :

– "quem não gosta de drogas é só não comprar"; e mais tarde, terão ainda a ousadia de dizer: - "quem não quer ser assaltado, não deve sair de casa".

E quando você e seus familiares não tiverem um programa

sadio para os raros momentos de lazer; quando você, mãe de família, não puder mais sair às ruas nem com dinheiro, nem com relógio; ou quando seu filho estiver escravizado pelo vício das drogas... saberão bem depressa dizer "que foi você que não soube educá-lo ! "

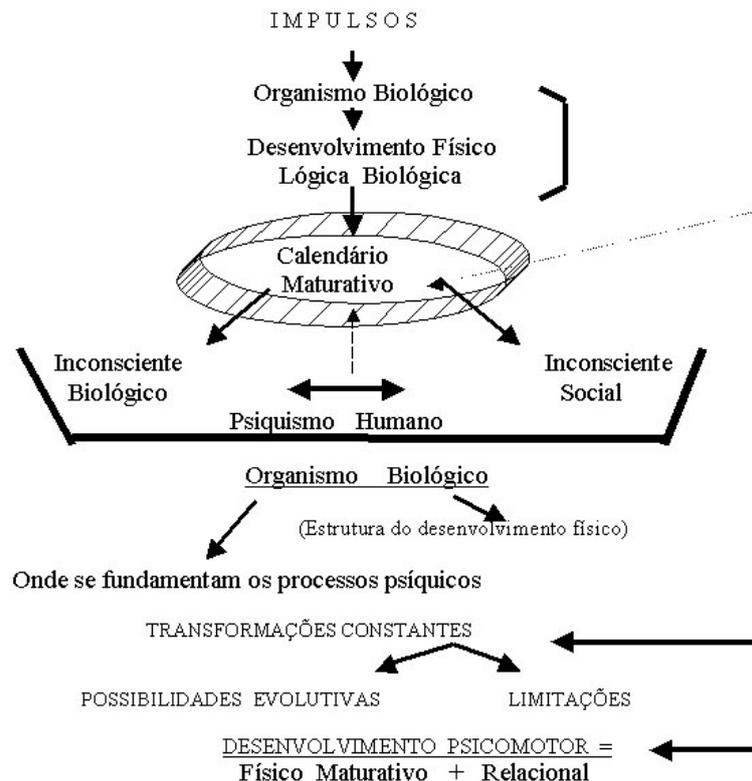
“ A TV já passou de todos os limites” . Este é o brado indignado de milhares de pais e mães de família que não agüentam mais o veneno mortal da violência descontrolada, da imoralidade e da vulgaridade que a Televisão derrama sobre os lares. E o que fazemos diante desse quadro ? Como compreender o que se passa com crianças e adolescentes, diante desses estímulos que tanto influenciam o seu cotidiano?

3.1 Desenvolvimento Físico e Psiquismo Humano

A criança, um ser em formação, tem seus *impulsos* produzidos pelo organismo biológico - onde se fundamentam todos os processos psíquicos -, configurados sob a dependência de uma *lógica biológica* (Wallon, 1931/1959) que institui um calendário maturativo, segundo Coll, Palacios, Marchesi (1993). Em função dessa ‘Lógica’ é construído o psiquismo humano pelo entrelaçamento do "inconsciente biológico" com o "inconsciente social". O desenvolvimento físico, fazendo parte integrante dessa estrutura biológica, em constante transformação, tanto abre *possibilidades evolutivas* quanto impõe também *limitações* à mudança de cada momento de vida do ser. Grande exemplo é constatado pelo "desenvolvimento psicomotor, fazendo parte estritamente do físico-maturativo e do relacional. É uma porta aberta à interação e, portanto, à estimulação"², e é por intermédio de formas positivas de interação/estimulação, com emoção, que minimizam-se bloqueios que inibem indivíduos a desenvolver ações.

²D’Ávila, N. *A Psicomotricidade na Escola Moderna através da Música*. Org. Simões, D. in Caderno Seminal-Faculdade de Formação de Professores-UERJ-v.4, n° 1, tomo II. Rio de Janeiro:Ed.Dialogarts, 1997, p.1-19.

Tratando-se de adolescentes hipo ou hiper-tônicos, verificamos que produzem excelentes resultados os exercícios de coordenação motora realizados em grupo, tornando-se atividades habituais. Orientados e personificados, os exercícios propiciam ao indivíduo encontrar seu estado de equilíbrio; interagindo com o grupo e sentindo-se por ele estimulado, terá uma produção amplamente beneficiada. A coordenação motora, desenvolvida coletivamente, permite que o adolescente adquira prazerosamente o domínio do próprio corpo, do tempo e do espaço, no hábito de partilhar com o outro suas *emoções*, acertos e erros, alegrias e tristezas, compensando adequadamente timidez e ansiedades com extroversão e ponderação.



Da valorização do coletivo, despontará o indivíduo para o aumento da auto-estima e da aprendizagem de como administrar a sua *inteligência emocional*³ tendo, no interagir, a oportunidade de desenvolver aptidões, sendo ou não detentor de um QI privilegiado.

“Ayrton Senna não era nenhum gênio neuronal, na acepção que o termo tinha até duas décadas atrás. O domínio invulgar do espaço, *do tempo e do próprio corpo* que ele possuía, porém, fez o campeão”⁴.

Para grandes empresas, atualmente, na seleção de um executivo, mais do que um vasto currículo, interessa a forma de como ele se relaciona com seus amigos, sua família, pessoas em geral.

Conhecendo o potencial da criança, sem reprimir, mas transformando a energia que nela se encontra em demasia, devem os pais ou responsáveis aproveitá-la, ao máximo, na criação ou construção (inicialmente como processo individual), empilhando cubos em madeira ou em plástico contendo encaixes, relacionando peças, montando figuras.

Num trabalho de acompanhamento, a criança recebe a totalidade pronta (como exemplo, uma casinha de madeira encaixada) para ser desmontada, "desmanchada ou destruída" e reconstruída posteriormente. O "desmanchar" ajuda muito na compensação dos excessos de energia. O "reconstruir" oferece possibilidades de desenvolver, na criança, a criatividade, de fazê-la reparar um "acontecimento desagradável", de reaver o objeto em seu estado original, de recuperar o que se dava por perdido, transmitindo-lhe euforia durante e após a recuperação do objeto. Saber canalizar a energia da criança para objetivos construtivos é uma das cha-

³Goleman, D. *Inteligência Emocional*, 25a.Edição. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.

⁴Salvador, A. e Capriglione, L. *Quando a emoção é inteligência*. Revista Veja, S.Paulo: Ed.Abril, 15/janeiro/1997, p.66-73. Obs.: O grifo no texto, em itálico, é nosso.

ves do seu sucesso pessoal, na vida futura. "Reprimi-la, significa escondê-la na penumbra do inconsciente"⁵.

Há dados importantes que deveremos levar em conta na observação constante daquilo que nossas crianças e adolescentes extraem das programações televisivas. Na exploração de objetos do universo da criança, como bichinhos de pelúcia, de borracha, e bonecos, sendo os mesmos antropomorfizados, facilmente transformam-se em ídolos infantis atingindo, primeiramente, as crianças e grande parte dos adolescentes para, por meio deles, conquistar o adulto. Este não só comprará o brinquedo para satisfazer seu filho como permitirá que o mesmo permaneça diante da TV para "divertir-se um pouco" com os "engraçados bichinhos", que despertam também a criança que já existiu em cada um dos adultos. Logo, na qualidade de receptores, pretendidos ou não da mensagem, são as crianças alvos da absorção de programas que jamais poderiam ou deveriam ser vistos por essa clientela. Convém lembrar que os bonequinhos que tão bem participam da vida dos adultos têm um linguajar por inúmeras vezes chulo, piadas e posturas inadequadas, em atitudes nada compatíveis com o universo infantil.

A cultura moderna fez 'tábula rasa' dos valores e conceitos, não se pronunciando sobre as noções do que é certo e do que é errado, cultuando muitas vezes o errado, em detrimento do certo. Tem-se, como exemplo, novelas que fazem apologia dos desajustes familiares e sociais, com cenas constantes de sexo e programas, em grande escala, que cultuam a violência, dos filmes para adultos aos desenhos infantis, onde, após inúmeras agressões, o personagem mau sai sempre vitorioso, obtendo vantagens, gozando de prestígio, etc. Sem a *conscientização* e a *adoção* dos valores morais, éticos, sociais, etc., acrescidas do desacompanhamento dos pais ou responsáveis, a criança, por falta de estrutura, acabará por atingir a depressão. Quando pensa estar certa, reproduzindo o que viu, será punida; quando pensa estar errada, será

⁵Pellegrini, L. *Triando o instinto. As faces da agressividade*. Rev. Planeta, Ed. Três Ltda (358), ano 30, n° 7, Cajamar - S.Paulo: julho/ 2002, p.33.

recompensada. Instauram-se, assim, os desajustes, provocando os desequilíbrios emocionais.

A criança liga e desliga rapidamente seu cérebro, interessando - se por muitas coisas, sem conseguir manter-se nelas por muito tempo. Sua programação diária situa-se, na maioria dos casos, entre o “ fazer a lição de casa ” e o “ ver televisão ”. Esse acúmulo de mensagens televisivas sem conteúdo, ora apelativas, ora com excesso de violência e de aceleração rítmica, torna a criança dispersiva, com baixo poder de concentração, insegura. Ir mal na escola indica uma sobrecarga. Sem conseguir resolver seus problemas, a criança desenvolve a hétero agressividade ou a auto-agressividade como “ atitude compensadora ” na proporção adequada aos seus fracassos.

3.2 Como perceber a elevação anormal da agressividade

Na hétero agressividade, o meio se encarrega - por ação inadequada - de exagerar a *agressividade normal*, transformando-a em *reacional*. É manifestada na hostilidade aos pais, aos mestres, às pessoas mais velhas, ao meio social. Pode levar até mesmo à destruição do outro.

Características: ao punir os pais, não escova os dentes, não penteia o cabelo, não toma banho, não estuda, não come, é desleixada, fala palavrões, fala alto, tem hábito de bater, de chutar.

Sinais de Alerta. A perturbação afetiva contra a autoridade leva-a a contrariar desejos e ordens dadas.

Ação Preventiva. Situa-se nos jogos, na recreação dirigida, aproveitando-a no exercício da coordenação motora dirigida.

Ação Corretiva. A busca de um profissional para assistência médica.

Na auto - agressividade o indivíduo se encarrega - por ação inadequada - de auto-punir-se, da constante auto-crítica. Quando a auto-crítica é maior do que a hétero destruição, surge o masoquismo, no prazer com a própria dor, no gosto de sofrer, nos

sentimentos de culpa. Quer a criança ser constantemente punida; julga-se incapaz e inútil. Fica rebelde e nada poderá contê-la. Os pais são fracos e muito tolerantes, nesses casos.

Ação Preventiva. Nunca utilizar qualificativos como: “burra”, “estabanada”, “incapaz”, “aborrecente”, pois a criança interiorizará e assumirá esses adjetivos.

Ação Corretiva. Deve-se procurar o profissional competente. Os pais apelam a clínicas, pois o *excesso* conduzirá à auto-destruição, como no caso deplorável do uso de drogas.

Na hétero agressividade, a resolução educacional do problema não se situa na *repressão sobre a criança* (disciplina externa). Isto a impede de dar expressão social às suas “forças agressivas”. Devem ser as mesmas aproveitadas como “forças criadoras”, fator máximo de auto-afirmação da personalidade. Colocá-la para realizar jogos, quebra-cabeças, tocar, cantar, dançar, discursar, dramatizações, etc. Procurar não dizer: “mamãe vai chorar, vai morrer se você fizer tal coisa”. Essa atitude, denominada *disciplina externa*, vulgarmente conhecida por chantagem afetiva, gera temor, insegurança, angústia, fraqueza, hostilidade contra os pais, desejos de vingança, não adaptação psico-afetiva, temor de castigo, heteronomia. A criança não chega à auto-afirmação; não consegue lutar pelos próprios direitos.

A *disciplina interna*, ou consciência moral, baseia-se no estímulo encorajador, meio educativo eficaz, despertando o desejo de aperfeiçoamento, de realização. A repreensão acontece de maneira suave, porém clara, despertando-lhe a consciência do bem-agir, da coerência, conforme a moral vigente. Devemos mostrar que confiamos na criança, dizendo-lhe: “você está, a cada dia, melhor”; que o erro poderá ocorrer, mas que ela, cada vez mais esclarecida, saberá como evitá-lo.

A repreensão, quando inevitável, no caso da relutante insistência da criança em transgredir a determinados padrões comportamentais, deve recair sobre a mesma, como consequência lógica da falta cometida e não como vingança do adulto. Não chantagear nunca. Amá-la, sempre. Contrariá-la, porém, quando necessário,

diante daquilo que ela quer, mas não deve assistir, aproveitando para transmitir-lhe noções de certo e errado; bem e mal ; moral e imoral ; mentira e verdade; explicando-lhe porque tal programa não é “nem gozado, nem interessante, nem educativo”... Estimule-a ensinando a selecionar o que lhe convém assistir, porque confia no bom gosto e na inteligência dela. Ela aprenderá - inicialmente com a sua ajuda - e acabará por escolher o que lhe for mais apropriado, embora a construção da personalidade se inicie antes mesmo da criança ter consciência de sua existência.

Certos programas fixam, infelizmente, um padrão de conduta a nossas crianças. Como exemplo, colocamos o conhecido problema dos “monstros de bolso” (pocket monster), os famosos “Pokémons”. Hoje, são esses “os novos heróis das fantasias infantis que ajudam as meninas a conviver com a realidade de que o ‘outro’ é sempre meio monstruoso, e com uma vantagem extra : ao contrário dos príncipes encantados, eles evoluem”⁶. São, porém, violentos e com poderes sobrenaturais, como voar. Podem ser casados. Ao invés dos príncipes encantados, ‘demodés’ e caretas, os novos heróis hipertônicos, que preenchem os modelos atuais, são conhecidos pelos nomes de Pikachu, Mew e Dragonite; os Pokémons. São 250 “personagens” que poderão ser transformados e trocados a cada momento. Incutem, além da violência em ação permanente nas suas mensagens , a instabilidade das trocas (que incutirá, *a posteriori*, o famoso “ficar” ou “estar”), o hábito de aceitar o horrendo, o monstruoso, as noções errôneas sobre conceitos e valores, o que deixa as crianças nervosas e inseguras. As imagens violentas e velozes exercem sérios prejuízos na mente infantil. A criança é estimulada a imitar personagens virtuais e a ter facilidade de transformar-se em persuasiva e violenta. “Os adultos não estão preparados para que seus inocentes filhos sejam

⁶Bia Abramo é jornalista e assina uma coluna semanal no site El foco www.elfoco.com.br conforme Revista Única, p.98.

precocemente inescrupulosos"⁷. A criança desestrutura-se, portanto, por não poder competir com a ficção criada.

No México, foi realizada uma queima pública coletiva de todas as revistas em quadrinhos, contendo pokémons. O Pregador⁸ que incentivou o ocorrido dizia: "é necessária uma queima de todos os pokémons visto que estes desenhos animados e as análogas revistas em quadrinhos atentam contra a unidade da família e a consciência das crianças". Segundo ele, "os pokémons usam mensagens subliminares que têm como objetivo fundamental propagar o mal em lugar do bem". Lembrou ainda que, "segundo estudos realizados no Japão, cerca de 700 crianças registraram sintomas similares aos de epilepsia como consequência da grande velocidade com que são projetadas as imagens nesses desenhos animados".

Mesmo alertando sobre o perigo das mensagens subliminares, encontradas em profusão nos desenhos infantis, quando relacionamos seu resultado à reinversão do "efeito placebo"⁹, não poderemos adotar, jamais, uma postura radical contra todos os programas que a mídia televisiva apresenta, lembrando, ainda, que uma boa parcela deles tem parte atuante nas salas de aula e que inúmeros, embora criticados em alguns aspectos, servem, e muito, para levantar questões, fomentar reflexões, incitar a triagens.

Segundo Maria Thereza F. Rocco (Faculdade de Educação da USP), "o importante é analisar o que faz as pessoas assistirem, entender por que vêm. Só assim será possível - em casa ou na escola - avaliar o que é bom e ruim e, o mais importante, se dá para entender os objetivos subliminares de cada atração"¹⁰.

O mais importante elemento no *desenvolvimento da persona-*

⁷Revista TIME – *Pokémon!*, Poké Mania - Can such cute critters be bad influences? N.Y.: Latin American: Edition, november, 22, 1999, p.38.

⁸Pe. Juan Ramón Hernández, da paróquia do Espírito Santo de Pachuca (centro do México)-Revista Catolicismo - n° 605 –S.Paulo: Editora Padre Belchior de Pontes Ltda., Maio/2001.

⁹Ferrés, J. *Televisão Subliminar*, Sul Ltda.; trad. Rosa, E., Neves, B.A. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998, p.35.

¹⁰Revista nova ESCOLA., *Da Informação ao Conhecimento- O Poder da*

idade infanto-juvenil, é saber *contrariar* a criança e o adolescente, dizendo não na hora certa. A personalidade se constrói com frustração e renúncia. E' *impossível* educar sem limitar.

Os jovens só se alimentam com o princípio do prazer, da identidade com o grupo. Ou estão em grupos na escola, ou com a turma, em sociedade ; e, em casa, a solidão diante da televisão (no quarto) e do computador. Tornam-se narcisistas, solitários. Não existem encontros e os jovens necessitam da busca da alteridade (eu e o outro). Eles perdem a capacidade de se projetar no outro, do intercâmbio, do oferecer e receber, nas relações. Assim sendo, os pais devem saber bem distribuir as atividades diárias, para que haja equilíbrio, evitando exageros.

A adolescência, esse período psicossociológico, é a fase da 'moratória social' (Erikson, 1968), isto é, dos 12 e 13 anos aos 20, aproximadamente, em compasso de espera. E' bem verdade que, para a maioria dos jovens (57 %), essa fase transcorre de modo natural.

Para alguns, tirar a carteira de motorista servirá para se exibirem ou levarem seus amigos a um passeio; para outros, servirá para aceder a um posto de trabalho, onde ela é um requisito necessário.

E' preciso lembrar que, a partir dos 11 anos, aproximadamente, a criança acostumada com um professor responsável pela classe, passa a enfrentar as transições inerentes ao sistema escolar estabelecido, que lhe determina "dever-aceitar conviver" com um número considerável de professores, correspondendo às disciplinas exigidas.

Essas transformações, aparentemente normais, desestabilizam a criança que não foi preparada para enfrentá-las e aceitá-las como ocorrências normais. Assim, todas as tensões e ansiedades que não foram bem resolvidas devem ser canalizadas para atividades que envolvam o coletivo em maior proporção : jogos, esportes em geral, canto coral, grupos instrumentais (bandas) com

Imagem. S.Paulo: Editora Abril, Fundação Victor Civita, junho/julho 2002, p.18.

marcha, exercícios de coordenação motora, dramatizações, enfim, ocupando o jovem de tal modo na queima dos excessos de energia, que não lhe sobre tempo para desperdiçar com inutilidades ou maquinações desnecessárias. Quando essas tensões permanecem sem resolução, o jovem se rebela, ora buscando "a turma", por vezes perigosa, ora apelando para a agressividade. O jovem que perdeu seus limites passa à agressão, em primeira instância; posteriormente, à violência.

A influência que o professor certamente exerce sobre a classe e o seu carisma devem ser bem aproveitados, e enormemente explorada sua apaixonante experiência pedagógico-didática. São elementos - chave necessários para trabalhar com crianças e jovens, na abordagem inicial dos valores morais, axiologizando-os após, em conformidade com a necessidade e capacidade de apreensão de cada grupo .

Na era da interdisciplinaridade, professores compõem debates entre classes sobre temas de interesse imediato dos adolescentes. São avaliadas as tendências e as carências, assim como os excessos, os acúmulos e as saturações. Dessa forma é dado um passo à diante, no sentido de poder motivá-los, a posteriori, à aprendizagem das disciplinas em si, incluindo, no momento oportuno, a compreensão e a aceitação dos conceitos morais, sociais, cívicos, tão deturpados pela mídia, falhos e conflitantes em suas cabeças, gerenciando os destinos dessa juventude que representará o nosso país.

Os adolescentes querem um lugar no espaço ; não querem as aulas, mas a convivência na escola, a participação coletiva para se sobressaírem de alguma forma.

Embora vítimas dessa violência desencadeada pela rainha da mídia eletrônica, pelo poderio tecnológico que contamina e produz ação imitativa, eles querem dar também a sua colaboração. Toda vez que o professor impede o aluno que quer aparecer, este acabará, com o decorrer do tempo, partindo para as agressões e, mais tarde, para a delinqüência.

Hoje, inverte-se a posição dos acontecimentos. Ao invés de

chamar a atenção do aluno o tempo todo, ou de colocá-lo fora de classe, permita-lhe dar um aparte no curso que está sendo dado ; deixe-o cooperar com a aula fazendo parte ativa dela. Que ele vá à lousa colocar uma questão pertinente ao que estava sendo ministrado para que a classe toda possa debater. Ele vai passar a defender a escola, sentir-se-á útil, aprenderá o suficiente e não atrapalhará mais.

Dados complementares sobre a adolescência poderão ser encontrados na produção competente de ilustres pesquisadores¹¹, como também outros esclarecimentos diferenciados sobre o assunto, extraídos de psicólogos, psiquiatras e pedagogos:¹²

Dormir na hora certa, alimentar-se corretamente, cumprir com os deveres escolares sem perder tempo com inutilidades televisivas ou contar com uma pessoa capaz de orientar na seleção do entretenimento - em virtude da escolha limitada que se tem concernente à programação televisiva infantil - são necessidades que requerem alguém de confiança para assumir o controle sobre a criança, nessas posições. Saibam escolher, caros pais, ao delegarem funções. Quem ama, educa e não quem ama cuida¹³. Que os momentos inesperados (ou fabricados) diante da TV possam ser sempre bem aproveitados para transmitir valores positivos. A criança logo estabelecerá comparações e surpreenderá a todos, com seu senso crítico em plena evolução, escolhendo o que ver ou desligando a TV para dedicar-se a “brinquedos mais interessantes” .

¹¹Coll,C.,Palacios,J.,Marchesi, A. *Desenvolvimento Psicológico e Educação* - Desenvolvimento da Personalidade na Adolescência. V. I, cap.22 - Original: Espanha 1993. Trad. Alfredo Fierro. Trad. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1995, p.288.

¹²Pastore, K., Revista Veja, artigo "Pais e filhos com hora marcada", S.Paulo: editora Abril , 30/07/97, p. 82/89.

¹³Considerações preciosas colhidas de entrevistas e palestras proferidas pelo renomado Dr. Içami Tiba.

4 Expectativas e conscientização

Que a constatada supremacia da mídia televisiva não permaneça apenas no patamar das produções monumentais e dos profícuos programas culturais oferecidos, mas tenha como principal meta, além da preocupação com a qualidade das mensagens emitidas ao público, em geral, a de dotar as programações *infantis* com um conselho psico-pedagógico totalmente voltado ao trato com a criança, que observe os medos que nelas são introjetados por cenas fortes, violentas, com cores tétricas, palavreados grosseiros, caretas e gestual aflitivo, gritos e maus exemplos. Quanto à transmissão de valores ecológicos, a apresentação da natureza deformada pelo excesso de ficção nada didático, ao invés de servir de entretenimento, desencadeia comportamentos problemáticos, medos e ansiedades, alterando a normalidade emocional das manifestações infantis e causando, a médio e a longo prazo, sérias conseqüências. Investir na criança é apostar num futuro melhor, num país mais justo e seguro, menos violento, mais humano e feliz.

Pela conscientização, solidarizamo-nos com o atuante trabalho do “Conselho de Acompanhamento da Mídia da Comissão de Direitos humanos” e com o site: www.eticanatv.org.br, entre outros de entidades dedicadas à causa.